09:02 90%

Gratidão é o sabichonismo da vez

Fórmula que vem tomando o lugar de obrigado diz mais do que se pensa

Sérgio Rodrigues
Escritor e jornalista, autor de "A Vida Futura" e "Viva a Língua Brasileira"

Virada de ano é a época mais propícia para esse tipo de balanço: foi se 2023, chegou 2024, e "gratidão" continua avançando em sua guerra expansionista para tentar desalojar "obrigado" do posto de fórmula de agradecimento preferida em nossa língua.

Sim: na hora de agradecer à tia pelo presente do amigo oculto ou ao cosmo por ter sobrevivido a mais um ano neste planeta que não sabe desligar o próprio forno, tudo indica que um número inédito de falantes de português optou por "gratidão" em vez de "obrigado".

— Que 2024 lhe traga saúde, alegria e grana!

— Gratidão!

Trata-se de um direito desses falantes, é claro. Ainda que eles trocassem "obrigado" por uma palavra mais esdrúxula como "alcachofra", "eructação" ou "fotossíntese", como negar que somos todos livres para decidir aquilo que nos sai da boca? Naturalmente, essas coisas têm consequências.

Uma delas, no caso da onda "gratidão", é o possível pouso da palavra em ouvidos que tenderão a interpretá-la como sinal de uma mente rendida ao sabichonismo, lenga-lenga que passa por bom senso e até sabedoria em nosso tempo de redes sociais.

Sempre foi possível expressar gratidão, lógico, mas costumava ser preciso pagar algum respeito sintático a esse substantivo velho de séculos, derivado do latim "gratitudinis". Era bem raro ver o termo assim, solitinho na vida, como se interjeição fosse.

Até aí tudo bem. Línguas vivas, organismos irrequietos, se mexem sem parar e estão sujeitas a todo tipo de modismo. Ocorre que chamar a gratidão interjecional de modismo não está errado, mas passa longe de esgotar o assunto.

Anos atrás, quando comecei a escrever sobre a língua na imprensa, ainda não se usava gratidão desse jeito —ou se usava em bolhas tão restritas que pouca gente tinha acordado para a novidade. Sei disso porque escrevi repetidamente sobre "obrigado", mas a conversa na época era outra.

Discutia-se a questão do gênero: estava certo que cada vez mais mulheres optassem por dizer "obrigado", no masculino mesmo? O tema tinha interesse do ponto de vista histórico. Sendo adjetivo em sua origem, é óbvio que, como manda a tradição, a palavra deveria ser flexionada: obrigada, obrigados.

No entanto, embora pouco reconhecido assim pelos lexicógrafos, na prática aquele obrigado já tinha se tornado fazia tempo uma fórmula fixa, um vocábulo entendido cada vez mais como interjeição. Nesse sentido era natural que permanecesse invariável.

Se já estava quase perdida na memória da língua sua origem na expressão "fico-lhe obrigado", ou seja, "passo a ser seu devedor", por que insistir que obrigado fosse tratado como adjetivo?

Pois foi essa memória desbotada que o uso emergente tratou de reavivar para empregar como acusação a "obrigado". Como assim, devedor? Que obrigação contratual e materialista é essa? O horror!

Talvez "gratidão" seja só um daqueles vírus linguísticos que contagiam multidões por alguns janeiros antes de voltarem para o limbo, mas é também um bom exemplo de como funciona a lógica sabichona.

Tão raso quanto cheio de si, tão arbitrário na condenação de usos consagrados quanto convencido da própria virtude, o sabichonismo que se volta contra o educadíssimo "obrigado" é o mesmo que já tentou —com sucesso limitado, mas ainda lamentável— criminalizar o "risco de vida".

E se alguém acha que faltou falar de "gratilas", peço desculpas. Este é um jornal de família.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | **SEX. Tati Bernardi** | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Fórmula de Singapura é valorizar professor, afirma especialista

Ng Pak Tee, autor de 'Learning from Singapore', conta como o país chegou a líder do Pisa, avaliação global de educação

ENTREVISTA
NG PAK TEE

Nelson de Sá

TAIPÉ Realizado em 2022 e divulgado no início de dezembro, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) confirmou Singapura como líder do ranking de 81 países e regiões nas três matérias abrangidas, matemática, leitura e ciências. O Brasil foi o 65º em matemática, foco maior desta edição do exame aplicado desde 2000 para estudantes de 15 anos.

Autor do livro "Learning from Singapore", aprendendo com Singapura, Ng Pak Tee aponta a valorização da educação e dos próprios professores, por razões históricas, e a busca permanente de aprimoramento do sistema de ensino como características significativas do país. Mas evita defender o sistema como modelo para outros países. "Ele não é perfeito, e nosso contexto é diferente."

Leia, a seguir, trechos editados da entrevista.

*

Como Singapura se tornou um exemplo em educação? Como começou? Pessoalmente, eu não chamaria Singapura de um sistema educacional modelo ou um exemplo em educação, como você colocou. Ele não é perfeito, e nosso contexto e trajetória são diferentes dos outros. Em muitas áreas, como educação infantil, ainda está tentando alcançar e aprender com outros sistemas avançados. Se é por causa dos resultados do Pisa, então minha opinião é que o Pisa é uma boa referência, mas não é nosso boletim escolar. Estamos muito mais preocupados com a educação das crianças do que com os resultados do Pisa.

Suponho que a maneira mais fácil de entender seja começar por 1965, ano em que Singapura se tornou independente. O desafio naquela época era sobreviver. O país era pobre e havia um alto índice de desemprego, muitos singapurenses eram analfabetos. Havia uma atitude geral entre as pessoas daquela geração de que "vamos enviar nossos filhos para a escola para que tenham vidas melhores que as nossas". A educação se tornou a esperança. Singapura é um país muito pequeno, sem recursos, sem petróleo, borracha ou terra para agricultura, exceto o povo. Valorizamos a educação, acho que esse foi o ponto de partida.

Qual é a característica mais significativa do sistema educacional hoje? E é viável reproduzi-la fora de Singapura? Uma filosofia fundamental em Singapura é que, à medida que o tempo avança, são feitas mudanças para acompanhar. Independentemente de onde estiver em testes comparativos internacionais, vai sempre tentar melhorar a educação. Mas existem constantes atemporais que servem como faróis, para ajudar a navegar pelas águas da mudança de forma segura. Uma constante no sistema é que a educação é um investimento, não uma despesa. Não se poupam recursos para a educação mesmo quando a economia foi duramente atingida, durante várias crises globais, para que as crianças não ficassem para trás.

O sr. acredita que o valor dado aos professores, em salários e na sua seleção e preparação, tem papel nisso? Sim, em vários relatórios internacionais isso é citado como um fator chave para o alto desempenho educacional de Singapura. O ensino é uma profissão respeitada. Investe-se muito esforço e recurso no desenvolvimento profissional de líderes escolares e professores.

Conseguimos recrutar professores do terço superior das suas turmas acadêmicas. O salário inicial é comparável a outras profissões, e existem diferentes caminhos de desenvolvimento e avanço na carreira. Entrevistamos cuidadosamente os candidatos para recrutar só aqueles que estão de fato interessados em ensinar.

O governo cobre o custo para a formação de professores, e estagiários recebem salário. Todos os professores e líderes escolares são treinados no Instituto Nacional de Educação, onde eu trabalho.

Tentamos preparar professores prontos para o futuro, que sejam adaptáveis à mudança, mas ancorados em princípios.

Essa valorização reflete a própria sociedade, a forma como ela enxerga os professores? Sim, em termos gerais, a sociedade valoriza os professores, mas também são feitos esforços deliberados para cuidar e proteger a imagem da profissão. Por exemplo, existe um prêmio prestigioso que homenageia professores excepcionais, inspiradores e atenciosos, que o presidente de Singapura concede pessoalmente, e grandes anúncios são pintados na parte externa de ônibus, para lembrar ao público que a educação está "Moldando o futuro da nação".

Em relação à posição de Singapura no Pisa, há críticas ao peso que é dado no país para aulas particulares e à educação muito voltada para os exames. Isso é verdade? O bem-estar dos estudantes é atualmente um tema quente em Singapura. Na verdade, as escolas sempre se preocuparam, atividades extracurriculares e educação física sempre foram parte importante do ensino. Mais recentemente, têm sido feitos mais esforços em áreas como educação de caráter e cidadania, aprendizado social e bem-estar digital.

> O objetivo é um sistema escolar excelente para todas as crianças e jovens, não algumas escolas excelentes para alguns. A filosofia é que todas as escolas sejam boas, independentemente dos resultados acadêmicos

Nosso sistema no passado era bastante voltado para exames. O que se está fazendo agora é afastar do foco no resultado dos testes e concentrar na qualidade da aprendizagem. Foi reduzido o número de exames que os estudantes fazem nas escolas, mas, mais importante, estão sendo feitas mudanças na educação para apoiar uma infância ou adolescência saudável. Os estudantes passam parte do tempo na escola.

O que se quer é garantir que eles realmente se beneficiem e aproveitem de seu tempo de aprendizado na escola. Isso é uma parte crucial do bem-estar dos estudantes, que as crianças desenvolvam o hábito de estudar com menos estresse na aprendizagem.

Você já escreveu que Confúcio, falando sobre aprender, perguntou: 'não é uma alegria?'. É uma alegria, em Singapura? Está se tornando mais alegre? Espero que sim. Foi reduzida a ênfase nas notas como medida de sucesso dos alunos. Nos exames de conclusão do ensino fundamental, para alunos com 12 anos, a medida estatística para classificar as notas dos alunos foi substituída por faixas de conquistas mais amplas. Ao fazer isso, a mensagem para os alunos e pais é que os exames ainda são importantes, mas não são a única coisa ou a coisa mais importante na vida. Não há necessidade de ficar tão ansioso para buscar o objetivo. Portanto, agora é preciso nos perguntar: é necessário fazer aulas particulares? O tempo pode ser utilizado para algo que leve a um desenvolvimento mais completo? É necessário estudar repetidamente só para os exames, tirando tempo de outras aplicações mais criativas do conhecimento? A prática não está errada, ela é necessária para a aprendizagem. Estamos preocupados com a prática excessiva, em detrimento do desenvolvimento holístico da criança.

Divulgação

Ng Pak Tee
Matemático pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, o singapurense Ng Pak Tee é professor do Instituto Nacional de Educação, da Universidade Tecnológica de Nanyang, faculdade que seleciona e prepara os professores do país. Publicou em 2017 o livro "Learning from Singapore: The Power of Paradoxes" (Routledge, 2017).

Como é a equidade no sistema escolar de Singapura? As crianças de famílias pobres têm acesso a boa educação? O objetivo é um sistema escolar excelente para todas as crianças e jovens, não algumas escolas excelentes para alguns. A filosofia é que todas as escolas sejam boas, independentemente dos resultados acadêmicos. Que todas tenham bons líderes e professores, sejam ambientes seguros para as crianças. Se você ensina em uma escola de alto nível, isso não significa que é um professor melhor ou tem uma carreira mais brilhante. Na verdade, indicamos alguns de nossos melhores professores e diretores para as escolas menos privilegiadas, porque eles podem melhorar essas escolas. Independentemente do contexto familiar, as crianças podem ter acesso a uma boa educação. Todas as escolas importam, são lugares para as crianças aprenderem e construírem relacionamentos em um ambiente seguro.

Estão sendo desenvolvidos caminhos diferentes, para que alunos diferentes com aptidões diferentes possam encontrar satisfação à sua maneira. De certa forma, isso descreve a equidade em Singapura. Os resultados podem não ser todos iguais, mas são todos bons o suficiente como base para levar uma vida, criar uma família, ser um cidadão.

Como foi a experiência com Covid-19 em Singapura? Quando a Covid-19 atingiu, foi, é claro, uma crise. O impacto em vidas humanas, nos meios de subsistência e no estilo de vida foi tremendo. Durante o período de bloqueio, de abril a junho de 2020, quando o ensino em casa foi implementado em todo o país, os professores continuaram ensinando e aprendendo usando ferramentas online. Dada a mudança repentina naquela época, escolas, professores e alunos realmente se adaptaram.

Pós-Covid, olhando para a frente, essas competências de ensino online abrem caminho para o avanço pedagógico. Os professores agora têm uma melhor compreensão dos benefícios e armadilhas das ferramentas tecnológicas. Estamos aproveitando o fato de que os professores agora estão mais competentes com elas para avançar em direção ao ensino híbrido. Algum ensino em casa regular, feito online, complementa as aulas presenciais.